

Título da obra- Qual é sua guerra? / ano - 2023

Autora: PERFORMER. JÉSSICA Lorena Lima gonçalves

Programa performativo, roteiro, sinopse e/ou release do seu trabalho.

Uma mulher perambula pelo caminho, pelas ruas de uma cidade, parece desorientada, mas, não, apenas vende poemas há procura de sustento. Questiona os transeuntes: quanto custa sua guerra? Com uma cesta de mercado ela tenta vender poemas em uma cidade em que ninguém parece lhe enxergar. Me comprem um poema! Ela grita. Alguns olham. Outros desviam dela. E na tentativa frustrada de sustento ela cansa, e grita, e rasga, e come, e joga para o alto seus poemas, seu sustento (Pausa). Se recompõe recolhendo o sustento e colocando novamente no cesto, volta a ação de tornar a vender seus poemas. Essa mulher não acredita mais na possibilidade de viver da sua arte, mas precisa sobreviver a uma guerra, é apenas uma ambulante de um produto que já saiu de linha e que não é mais necessário. Afinal poesia é necessária?

Quais conceitos você mobiliza nesse trabalho?

Chamo de performance documental, ou autobiográfica. Tenho percorrido um caminho de autodescoberta a partir da escrita de poemas e como artista da cena, do corpo e do que faz o meu corpo imagem, resolvi transmuta-las em performance. Com a intenção de vender meus poemas, questiono se de fato a arte é necessária? Como uma mulher sozinha com seus algozes se equilibra na linha de frente da sua própria história.

Espaço reservado para links de apoio compreensão da obra. (Ex: link de vídeos, link de fotos, material de referência para ações inéditas...)

Link;

Fotos;

https://drive.google.com/drive/folders/1fVMzplu5baxo9tc1BjPtUuKa4QPVH_XR

https://www.youtube.com/watch?v=2g7DHBABdDI&ab_channel=DavidAlves

Poema que inspira minha trajetória.

Muitas fugiam ao me ver
Pensando que eu não percebia
Outras pediam pra ler
Os versos que eu escrevia

Era papel que eu catava
Para custear o meu viver
E no lixo eu encontrava livros para ler
Quantas coisas eu quiz fazer
Fui tolhida pelo preconceito

Se eu extinguir quero renascer
Num país que predomina o preto

Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E deixo esses versos ao meu país
Se é que temos o direito de renascer
Quero um lugar, onde o preto é feliz.

Carolina Maria de Jesus, em *Antologia pessoal*. (Organização José Carlos Sebe Bom Meihy). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996

Poemas autorais.

Clandestina de Mim

Os moradores desse mundo
Insistem que a ordem natural das coisas
São uma única,
Reta.
Que o que sentimentos,
Cabem em um pedaço de papel,
Como em uma receita de remédio.
E não,
Nada pode conter uma mulher
Quando descobre o poder de ser,
Dona, amante e clandestina dela mesma.
É isso que sinto,
Como uma fugitiva,
Que insiste em se disfarçar,
A esconder o seu nobre sentimento.
Algumas vezes medo,
Outras vezes desejo.
Mas muitas vezes, certeza,
Que o seu prazer só pode

Brotar dela mesmo.

Queixas

Queixas, sempre tinha alguma coisa para falar. Por que você grita menina?

Por que você chora menina?

Por que tanta exposição assim? Não era para tanto! Será que você não exagerou?

Eu fui aprendendo, que nem todos iam se agradar e na moral? Tudo bem! Desse jeito eu fui criando essa casca grossa! Que na moral nem é tão grossa assim! Sabe aquele tipo carne fraca? Eu sou do tipo carne dura! Essa casca que eu insisto em cultivar.

Mas agora chega! Você ouviu? Agora basta! Na boa irmão, 300 anos de história no lombo. Aquela herança que não é bonita, que você não escolheu, mas te enfiaram de goela a baixo. É paulada, ou seria chicotada atrás de chicotada! Minha carne ainda respinga sangue do meu passado, sempre que um corpo negro aparece na TV manchado de sangue. Cada vez que uma mulher preta é silenciada, estuprada, minha pele, meus pulsos e até as veias da minha cabeça se contraem! Ah se eles enxergassem o que tem aqui dentro. Em vez de me julguem gostosa. Aquela que é boa de cama, mas nunca boa para segurar a mão.

As queixas! Várias queixas! Nunca deixaram de aparecer, lembro de quando disseram que não me cabe nessa sua liberdade. E medo? Medo do que eles iam falar de mim! Medo do julgamento! Medo eu tive de não ser livre. Essa liberdade já me custou tanto. Desde O sangue derramado no cativeiro, dos meus e das minhas. Deve ser por isso que me é tão cara essa liberdade. No cativeiro eles prenderam meu corpo, mas nunca a minha mente. Foi assim, quando cessaram Dandaras, Beatrizes do nascimento e marieles! Quando a dor de sermos caladas doeu mais forte! É assim que me vejo. Hora aqui seguindo. Sempre me ligando a essa liberdade que me custa a vida e é o meu farol. Me custou amores e eu precisei gritar. Precisei chorar! Precisei clamar! Liberdade
Eeeeeeeeeeeee

Liberdade para o povo preto! Meu grito pode até parecer de revolta, mas é de fôlego do suspiro! Meu grito é para gritar por liberdade. E para ter certeza que o meu medo nunca me cale!

Esses olhos!

Já te falaram sobre os teus olhos?

De tão grandes, que todas as vezes que encontram os meus

É como se um pouco de você ficasse dentro de mim!

Ah, que olhos! Que olhos!

Grandes, negros, intensos!

Até lembram os meus! Eu só falei, lembram!

Olhos, profundos e redondos que de tão bonitos insistem em me perfurar,
sem nem minha roupa tocar!

Ah seus grandes olhos.

Que de tão bonitos, sinceros e cheios de mistérios,
mesmo querendo, não fui capaz de segurar!

Ah seus olhos!

Poemas: Jéssica Lorena Lima Gonçalves